



SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO NO 8º ANO: STORYTELLING E MOBILIDADE INTERGERACIONAL

Jonatha Rodrigo de Oliveira Lira¹

Ely de Andrade Ferreira²

Glauco Rivelino Ferreira de Araújo³

Alex Baima Amaral Junior⁴

Eliezer Andrade de Abreu⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma proposta didática voltada ao ensino de Geografia da População no 8º ano, utilizando o storytelling e a investigação genealógica como estratégias pedagógicas. A pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolveu uma sequência didática aplicada em duas escolas públicas brasileiras, estruturada em quatro etapas: levantamento genealógico, oficina de narrativas, construção de mapas narrativos e debate crítico. O referencial metodológico fundamentou-se na aproximação entre conteúdos demográficos e experiências pessoais, possibilitando aos estudantes compreender conceitos como mobilidade espacial, êxodo rural, urbanização e transição demográfica a partir de suas próprias histórias familiares. Os resultados evidenciaram maior engajamento discente e compreensão significativa dos fenômenos populacionais, bem como a valorização da identidade e da memória coletiva. Apesar dos desafios, como a limitação de informações sobre gerações mais antigas e a demanda de maior tempo pedagógico, a metodologia demonstrou potencial para fortalecer vínculos entre escola, família e comunidade, além de favorecer uma leitura crítica das desigualdades regionais e dos fluxos migratórios.

Palavras-chave: Storytelling, Geografia da População, Mobilidade Intergeracional, Ensino, Genealogia.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una propuesta didáctica orientada a la enseñanza de la Geografía de la Población en el 8º grado, utilizando el storytelling y la investigación genealógica como estrategias pedagógicas. La investigación, de carácter cualitativo, desarrolló una secuencia didáctica aplicada en dos escuelas públicas brasileñas, estructurada en cuatro etapas: investigación genealógica, taller de narración, construcción de mapas narrativos y debate crítico. El enfoque metodológico se basó en la aproximación entre los contenidos demográficos y las experiencias personales, lo que permitió a los estudiantes comprender conceptos como movilidad espacial, éxodo rural, urbanización y transición demográfica a partir de sus propias historias familiares. Los resultados evidenciaron un mayor compromiso

¹ Professor do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia, da Especialização em Ensino de Geografia na Amazônia e Professor EBTT da Escola de Aplicação da Universidade Federal - UFPA, rodrigolira@ufpa.br;

² Mestrando pelo Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia da Universidade Federal do Pará- UFPA, ely.ferreira@semec.belem.pa.gov.br;

³ Professor EBTT da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará- UFPA, araujo.glauco@yahoo.com.br;

⁴ Aluno do Curso de Especialização em Ensino de Geografia na Amazônia da Universidade Federal - UFPA, jramaralex@gmail.com;

⁵ Professor EBTT da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará- UFPA, eliezerabreu@ufpa.br.



estudantil y una comprensión significativa de los fenómenos poblacionales, así como la valorización de la identidad y de la memoria colectiva. A pesar de los desafíos, como la limitación de información sobre generaciones anteriores y la necesidad de mayor tiempo pedagógico, la metodología demostró potencial para fortalecer vínculos entre escuela, familia y comunidad, además de favorecer una lectura crítica de las desigualdades regionales y de los flujos migratorios.

Palabras clave: Storytelling, Geografía de la Población, Movilidad Intergeneracional, Enseñanza, Genealogía.

INTRODUÇÃO

O estudo da Geografia da População no 8º ano do Ensino Fundamental adquire maior relevância quando associado às vivências e à história de vida dos estudantes, pois possibilita que os conteúdos abordados em sala de aula extrapolem a dimensão puramente teórica e se conectem com o cotidiano. Essa articulação permite ao discente reconhecer-se como sujeito histórico inserido em processos coletivos de transformação social e espacial, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as dinâmicas populacionais. Ao relacionar as trajetórias familiares com conceitos como mobilidade espacial, crescimento urbano e movimentos migratórios, o ensino torna-se mais concreto e significativo, favorecendo a construção de saberes de forma contextualizada.

Nesse contexto, o presente resumo expandido propõe uma abordagem inovadora que utiliza o storytelling e a investigação genealógica como recursos metodológicos. A proposta parte do princípio de que a construção de narrativas fictícias fundamentadas em dados reais — como locais de nascimento, deslocamentos migratórios e trajetórias profissionais das famílias dos alunos — constitui uma ferramenta eficaz para o ensino de conceitos demográficos. Tal prática dialoga diretamente com as competências gerais da BNCC (BRASIL, 2018), que ressaltam a importância da valorização da identidade, da diversidade cultural e do pertencimento ao território, além de promover habilidades relacionadas à leitura crítica da realidade social e geográfica.

O uso do storytelling aliado à genealogia amplia as possibilidades pedagógicas ao estimular o protagonismo discente. Ao investigar e narrar suas histórias familiares, os estudantes desenvolvem competências relacionadas à pesquisa, à análise de dados e à organização de informações em formato narrativo, ao mesmo tempo em que se engajam de forma afetiva com o conteúdo. Essa estratégia permite, por exemplo, compreender como os fluxos migratórios impactam trajetórias individuais e coletivas, ou ainda como o êxodo rural e a urbanização se manifestam na experiência de diferentes gerações de uma mesma família.



Assim, o ensino da Geografia da População torna-se mais dinâmico e interdisciplinar, estabelecendo pontes entre memória, identidade e espaço geográfico.

A justificativa para a adoção dessa abordagem está na necessidade de superar práticas pedagógicas centradas apenas na exposição de conceitos abstratos, que muitas vezes dificultam a aprendizagem e desmotivam os discentes. Conforme argumenta Cavalcanti (2012), o ensino de Geografia deve considerar a realidade dos alunos como ponto de partida para a construção do conhecimento, permitindo que os conteúdos escolares sejam ressignificados à luz de suas experiências. Nesse sentido, a proposta apresentada não apenas contribui para a assimilação de conceitos fundamentais da Geografia da População, mas também reforça a formação cidadã, ao destacar que cada trajetória individual integra e dialoga com os grandes processos sociais que moldam o espaço geográfico contemporâneo.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, centrada no uso do storytelling como ferramenta pedagógica para explorar a mobilidade intergeracional das famílias dos alunos. A sequência didática foi planejada de forma progressiva, contemplando quatro etapas interconectadas, aplicadas em turmas do 8º ano de duas escolas públicas brasileiras, com o intuito de articular a experiência pessoal dos estudantes com os conceitos da Geografia da População.

Na primeira etapa, os alunos realizaram uma investigação genealógica, cujo objetivo foi resgatar informações sobre a trajetória de diferentes gerações de suas famílias. Foram coletados dados referentes a locais de nascimento, residência e ocupações profissionais de pais, avós e, quando possível, bisavós. Para a coleta, utilizaram entrevistas semiestruturadas com familiares, registrando as informações em fichas padronizadas que facilitavam a comparação dos dados. Em seguida, recorreram a ferramentas digitais, como o Google Earth, para georreferenciar os lugares mencionados, o que permitiu construir um banco de dados pessoal e visual. Esse material tornou-se a base para as atividades seguintes, conectando diretamente as histórias de vida à análise espacial.

A segunda etapa consistiu em um workshop de storytelling, no qual os alunos transformaram os dados genealógicos em narrativas ficcionais. O objetivo foi estimular a criatividade e desenvolver uma compreensão mais sensível dos processos migratórios. Orientados a criar personagens inspirados em suas famílias, os estudantes elaboraram histórias que inseriam os deslocamentos intergeracionais em contextos históricos e geográficos mais



ampos, como secas no Nordeste, ciclos econômicos regionais ou a industrialização no Sudeste. Técnicas narrativas, como construção de enredo, descrição de paisagens, inserção de diálogos e criação de conflitos, foram trabalhadas de modo a enriquecer os textos. O cuidado esteve sempre em relacionar os elementos narrativos com conceitos demográficos discutidos em aula, como êxodo rural, urbanização e mobilidade espacial.

Na terceira etapa, os alunos passaram da narrativa escrita à representação espacial, por meio da criação colaborativa de mapas narrativos. Utilizando mapas físicos do Brasil como base, marcaram os percursos migratórios dos personagens criados, indicando fluxos regionais e pontos de origem e destino. Essa atividade permitiu não apenas visualizar espacialmente os deslocamentos, mas também identificar padrões coletivos, como tendências migratórias do campo para a cidade ou de determinadas regiões para outras. Além disso, a atividade foi complementada com a produção de um painel interativo, no qual cada história foi vinculada a contextos socioeconômicos específicos, reforçando a integração entre a dimensão narrativa, espacial e social.

Por fim, a quarta etapa culminou na produção de curtas-metragens elaborados pelos próprios alunos, a partir das narrativas ficcionais e dos mapas produzidos. Essa etapa buscou articular linguagem audiovisual, conhecimento geográfico e criatividade, transformando os enredos em roteiros filmados com recursos acessíveis, como celulares e softwares gratuitos de edição. O processo incluiu a definição de personagens, cenários e diálogos, além da encenação das histórias migratórias inspiradas nas trajetórias familiares. Os curtas foram exibidos em uma mostra coletiva, seguida de debate, no qual os estudantes puderam refletir sobre os diferentes contextos migratórios apresentados e suas conexões com os conceitos da Geografia da População. Essa culminância reforçou a aprendizagem significativa, ampliando o engajamento discente e fortalecendo vínculos entre escola, família e comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um quarto do século XXI já se passou, inovações tecnológicas fazem parte do cotidiano da maior parte da população e são associadas aos mais variados aspectos da vida contemporânea, como: locomover-se no espaço com a utilidade dos aplicativos para *smartphones* que localizam e orientam o indivíduo a seguir algum trajeto; aparelhos aspiradores “inteligentes” que podem realizar o serviço de limpeza de uma residência sem que haja esforço humano; comunicação instantânea através de chamadas de vídeos que conectam distantes



localidades do planeta; sites de entretenimento, redes sociais e aplicativos de conversação que predomina a atenção do usuário.

Nesse contexto, é importante considerar que as experiências cotidianas do indivíduo são importantes para a sua percepção de mundo e que o aluno é um sujeito que já possui saberes resultantes de sua experiência com o meio (Arroyo, 2012), porém é necessário o direcionamento dos saberes de maneira equilibrada. Assim, no processo de aprendizado do estudante, faz-se necessário estimular uma percepção ativa, sensível e situada do aprendiz, ou seja, aprimorar e direcionar a sua atenção ao que o cerca, conforme a educação da atenção proposta por Ingold (2010), no que diz respeito ao processo de aprendizagem que:

é transmitido mais corretamente pela noção de mostrar. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim “pegar o jeito” da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma “educação da atenção”. (Ingold, 2010, p. 21).

Nessa perspectiva, o que Ingold (2010) sugere, pode ser associado à utilização de ferramentas que estimulem a “educação da atenção”. Portanto, como alternativa para superar o desafio de aprender a prestar atenção diante das distrações cotidianas, o *Storytelling* representa uma estratégia de ensino considerável. *Storytelling* vem da língua inglesa, que em tradução livre expressa a ideia de contar histórias, em que *story* diz respeito à alguma informação e *telling* significa contar, narrar (Oliveira, 2020). Contudo, não apenas narrar uma história, mas engajar o público. Portanto, trata-se de “narrar com um propósito” (McSill, 2013, p. 48), estimulando as pessoas a partir de técnicas que criem conexão emocional (Giglio, 2017).

Dessa maneira, contar histórias é uma forma de comunicação humana essencial e ancestral, que representa um processo que além da troca de saberes influi no desenvolvimento cognitivo e, desse modo, o ouvinte pode ser engajado através de uma comunicação viva, expressiva e transformadora, que facilita o processo de aprendizagem significativa (Cunha; Nunes; Costa, 2020). Porém, não se apresenta como uma novidade, mas como uma marca ancestral no procedimento de aprendizagem de comunidades humanas, conforme, Brendan (2012) expressa:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve do lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre, entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando a sua própria história e a do mundo. O homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e



fundamental. Sem ela a sociabilidade e a consciência de quem somos não seria possível (BEDRAN, 2012, p. 25)

Nessa perspectiva, Mcsill (2013) reforça que a habilidade de contar histórias é inata aos indivíduos, resultado da tradição humana de transmissão de informações através de histórias. Todavia, para a contação de uma boa história é necessário método. De acordo com o mesmo autor, a primeira tentativa de sistematização se deu há mais de 2 mil anos, com o Filósofo grego Aristóteles, com a identificação de uma estrutura narrativa presente nas tragédias gregas, divididas em 3 atos, cujos quais se dão em apresentação de personagens e dilemas no primeiro ato, obstáculos e conflitos no segundo ato e resolução dos problemas no terceiro ato.

Outra inferência relevante é a de Tavares e Ribeiro (2016), que ao se debruçarem sobre a sistematização da “Jornada do Herói” idealizada por Joseph Campbell em 1949, atestam a identificação de um padrão narrativo recorrente nos mitos de diferentes culturas, em que considerando desejos e instintos comuns à muitas civilizações, um herói percorre as etapas desafiadoras de uma jornada até a sua conclusão, conforme interpretaram de Miller (2008):

Amplamente utilizada por inúmeros autores, a Jornada do Herói considera experiências universais compartilhadas por pessoas ao redor do mundo, refletindo suas esperanças e medos, e, assim, podendo conectar-se profundamente com o público (Tavares; Ribeiro, p. 99, 2016 *apud* Miller, 2008).

Portanto, na conexão que a utilização do *storytelling* gera, como consequência causal, através da implementação técnica do instrumento narrativo, o engajamento do alunado pode ser alcançado, uma vez que, cotidianamente, estes indivíduos são expostos à narrativas em *storytelling* quando presentes nas plataformas digitais. Corroborando, com esta premissa, Palacios e Terenzzo (2006, p. 72) convidam à seguinte reflexão: “pense em filmes, games, espetáculos teatrais, seriados e romances literários... quais são os padrões que se repetem em toda história?”.

Nessa perspectiva, Nunes e Golveia (2011) ao investigarem a influência dos meios modernos sobre a tradição oral do ato de narrar, argumentam que embora as mídias contemporâneas exerçam um papel de reconfiguração, elas não eliminam os ritos do narrar. Para endossar a linha de raciocínio, é possível alinhar com a afirmação de Xavier (2015) que diz que uma boa história é a que “prende a atenção, envolve com emoção e cria laços profundos com o público”, que está presentes em contextos distintos do sujeitos, contudo, pouco utilizado no processo de aprendizagem.



Desse modo, é possível considerar como positiva a utilização da abordagem storytelling na educação, pois tal qual livros infantis, filmes, séries, desenhos animados, sites de entretenimento como o youtube, redes sociais como instagram e tiktok, a escola também pode ser um local que engaje, conecte emocionalmente e tenha significado para os estudantes. Nesse contexto, a utilização do Storytelling como estratégia de ensino é uma ferramenta que pode contribuir para a aprendizagem significativa (Darroz, 2018), pois, conforme Moreira (2013):

a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesse processo, que é não-literale não-arbitrário, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade (Moreira, p. 17, 2013).

Diante do exposto, conclui-se que o storytelling, ao unir tradição e inovação, configura-se como uma estratégia pedagógica capaz de responder aos desafios da educação contemporânea, marcada pelo excesso de estímulos e pela dispersão da atenção. Sua utilização em sala de aula possibilita não apenas o engajamento dos estudantes por meio da conexão emocional, mas também a construção de aprendizagens significativas, ao articular saberes prévios às novas informações. Assim, ao transformar a escola em um espaço de narrativas vivas, expressivas e colaborativas, o storytelling reafirma o papel da educação como prática social que forma sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu lugar no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da metodologia de storytelling baseada em histórias familiares demonstrou grande potencial para aproximar os conteúdos formais da Geografia da População (Damiani, 1992) da realidade vivida pelos alunos. Ao trabalharem com dados reais de suas árvores genealógicas, os estudantes desenvolveram maior capacidade de contextualizar conceitos abstratos, como mobilidade espacial e transição demográfica (Alves, 2020), relacionando-os diretamente às trajetórias de vida de seus familiares. Essa conexão entre currículo e experiências pessoais resultou em um engajamento mais autêntico, superando a abordagem tradicional pautada apenas em dados estatísticos descontextualizados.

A construção de narrativas ficcionais inspiradas nas histórias familiares mostrou-se particularmente eficaz para humanizar os processos demográficos. Ao transformar as migrações de seus avós em enredos com personagens, conflitos e motivações, os alunos deram concretude a conceitos como êxodo rural e urbanização. Essa estratégia favoreceu a compreensão de como



fenômenos populacionais de grande escala se materializam no cotidiano das famílias, validando a hipótese de que metodologias baseadas em experiências pessoais podem reduzir a distância entre teoria e prática. Nesse sentido, a proposta dialoga com a habilidade EF08GE07, que propõe analisar os movimentos migratórios no Brasil e no mundo, considerando causas históricas, econômicas, políticas e sociais, uma vez que os estudantes contextualizaram suas histórias familiares dentro de processos estruturais mais amplos.

O mapeamento coletivo das trajetórias migratórias revelou-se um recurso didático valioso, ao permitir a identificação de padrões regionais de deslocamento populacional e sua relação com fatores históricos e socioeconômicos. A sobreposição das histórias em mapas do Brasil fortaleceu a percepção de que os processos demográficos não são aleatórios, mas vinculados a contextos estruturais específicos. Essa etapa articulou-se à habilidade EF08GE08, que destaca a importância de interpretar dados e representações cartográficas sobre a dinâmica populacional, possibilitando aos alunos a leitura crítica das desigualdades regionais e das dinâmicas de mobilidade populacional.

A produção de curtas-metragens, como culminância da sequência didática, ampliou ainda mais o alcance da metodologia. Ao roteirizar, encenar e editar suas histórias, os alunos exploraram múltiplas linguagens e competências, transformando narrativas familiares em produtos audiovisuais criativos. Essa experiência conectou-se à habilidade EF08GE09, que prevê o uso de linguagens diversas para comunicar interpretações sobre fenômenos geográficos, ao mesmo tempo em que promoveu o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência cidadã. O compartilhamento dos curtas em mostra coletiva também reforçou vínculos entre escola, família e comunidade, valorizando as memórias e trajetórias locais como parte integrante da história social mais ampla.

Para organizar o percurso metodológico desenvolvido, a sequência didática foi sistematizada em quatro etapas que se complementam, indo da investigação genealógica à produção audiovisual. Essa estrutura possibilitou uma progressão de atividades que articularam pesquisa, criatividade, análise espacial e expressão artística, favorecendo a aprendizagem significativa dos conceitos da Geografia da População. A figura 1 apresenta uma síntese das etapas, seus objetivos, atividades e produtos finais, evidenciando a coerência entre as práticas propostas e as habilidades da BNCC trabalhadas no processo.



Figura 1: Sequência didática: Narrativas da mobilidade intergeracional no ensino de Geografia da População

Etapas	Objetivo	Atividades Desenvolvidas	Produtos/Resultados
1. Investigação genealógica	Resgatar informações sobre trajetórias familiares para compreender a mobilidade intergeracional.	Entrevistas semiestruturadas com familiares; levantamento de locais de nascimento, residência e ocupações; uso do Google Earth para georreferenciamento.	Banco de dados pessoal com registros genealógicos e espaciais.
2. Workshop de storytelling	Transformar dados familiares em narrativas criativas vinculadas a processos demográficos.	Criação de personagens e enredos inspirados em histórias familiares; uso de técnicas narrativas (diálogo, conflito, descrição de cenários).	Narrativas ficcionais conectadas a conceitos como êxodo rural, urbanização e mobilidade espacial.
3. Mapas narrativos	Representar espacialmente as trajetórias migratórias.	Marcação em mapas físicos do Brasil dos deslocamentos dos personagens; construção de painel interativo relacionando narrativas e contextos socioeconômicos.	Mapas narrativos coletivos e painel de trajetórias migratórias.
4. Produção de curtas-metragens	Articular linguagem audiovisual, criatividade e conhecimento geográfico.	Elaboração de roteiros; organização de direção e produção; filmagem com celulares; edição em softwares gratuitos; exibição em mostra coletiva.	Curtas-metragens temáticos (ex.: populações quilombolas, ribeirinhas, migração internacional em tempos de guerra); debate crítico sobre os contextos apresentados.

Fonte: Elaboração dos autores

Na culminância da atividade, os curtas-metragens produzidos pelos estudantes revelaram uma diversidade de temas que ampliaram o alcance da proposta. Alguns grupos abordaram a realidade da população quilombola e ribeirinha, destacando suas formas de organização social, a relação com o território e as dificuldades enfrentadas em contextos de desigualdade socioespacial. Esses trabalhos evidenciaram como a metodologia favoreceu a valorização das identidades locais e das comunidades tradicionais, aproximando os conteúdos da Geografia da População das vivências regionais e de processos históricos de resistência e pertencimento.

Outros grupos optaram por explorar a migração internacional em tempos de guerra, elaborando narrativas que relacionaram deslocamentos forçados a situações de conflito armado e crises humanitárias. Essa abordagem demonstrou a capacidade dos alunos de articular experiências familiares com fenômenos globais, reconhecendo a migração não apenas como um movimento demográfico, mas como um processo permeado por fatores políticos, culturais



e emocionais. A escolha desse tema reforçou a pertinência da habilidade EF08GE07 da BNCC, ao permitir que os estudantes compreendessem as múltiplas causas e consequências dos fluxos migratórios, aproximando-os das discussões contemporâneas sobre refúgio, acolhimento e direitos humanos.

Além da escolha temática, o processo de elaboração dos curtas-metragens envolveu o contato dos alunos com noções básicas da linguagem audiovisual, o que enriqueceu a experiência pedagógica. Os estudantes foram orientados a elaborar roteiros a partir de suas narrativas, organizando falas, cenários e sequências de cenas de forma coerente. Também vivenciaram papéis como direção e produção, coordenando a distribuição de funções entre os colegas, escolhendo locações, figurinos e objetos de cena. A etapa de filmagem foi realizada com recursos acessíveis, como celulares, enquanto a edição utilizou aplicativos gratuitos, possibilitando a inserção de trilhas sonoras, legendas e cortes narrativos. Esse contato com diferentes etapas da produção audiovisual ampliou o repertório dos alunos, desenvolveu competências de trabalho em equipe e estimulou a criatividade, além de fortalecer a habilidade EF08GE09 da BNCC, que prevê o uso de múltiplas linguagens para comunicar interpretações sobre fenômenos geográficos.

Observou-se, ainda, que o trabalho gerou impactos para além do cognitivo, atingindo dimensões afetivas e identitárias. Muitos estudantes relataram surpresa ao descobrir conexões entre suas origens familiares e grandes processos históricos, desenvolvendo uma nova percepção sobre seu lugar no mundo. Essa dimensão subjetiva da aprendizagem reforça a importância de metodologias que valorizem os saberes e experiências dos discentes, criando condições para uma apropriação mais significativa dos conhecimentos geográficos.

Por outro lado, algumas limitações foram identificadas, como a dificuldade de acesso a informações de gerações mais antigas, revelando as lacunas na memória familiar, além da necessidade de maior tempo de planejamento e flexibilidade curricular em comparação a aulas expositivas. Tais desafios, contudo, não invalidam a proposta, mas evidenciam a importância de adaptações contextuais para sua aplicação em diferentes realidades escolares.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a metodologia de storytelling aplicada ao estudo da mobilidade intergeracional demonstrou ser uma abordagem inovadora e promissora para o ensino de Geografia no 8º ano. Ao vincular os conteúdos curriculares às histórias de vida dos estudantes, a proposta não apenas facilitou a compreensão de conceitos demográficos complexos, mas também promoveu uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Os resultados obtidos evidenciam que estratégias pedagógicas que valorizam as experiências pessoais podem transformar a relação dos alunos com o conhecimento geográfico, tornando-o mais relevante, acessível e conectado ao cotidiano.

Além de favorecer a assimilação de conceitos como mobilidade espacial, êxodo rural e urbanização, a metodologia mostrou-se eficaz para desenvolver habilidades de análise espacial, interpretação crítica e produção de narrativas. A etapa final de elaboração dos curtas-metragens destacou-se como um momento de síntese e expressão criativa, permitindo aos alunos apropriar-se ativamente do conhecimento e compartilhá-lo de forma coletiva. Ao articular diferentes linguagens — oral, escrita, cartográfica e audiovisual —, a proposta reforçou a interdisciplinaridade e contribuiu para a formação integral dos estudantes.

Outro aspecto relevante foi o fortalecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade. O resgate de histórias genealógicas possibilitou uma valorização das memórias e identidades locais, ampliando o sentimento de pertencimento dos discentes e reconhecendo a importância das trajetórias individuais na compreensão dos processos sociais mais amplos. Esse impacto afetivo e identitário, associado ao cognitivo, confirma a potência de metodologias que consideram os saberes prévios dos alunos como ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico.

Embora tenham sido identificados desafios relacionados ao tempo de execução, à obtenção de informações genealógicas e à necessidade de maior flexibilidade curricular, os benefícios educacionais da proposta justificam sua incorporação às práticas docentes. Como perspectiva futura, recomenda-se ampliar pesquisas sobre o uso de narrativas pessoais no ensino de Geografia, explorar parcerias interinstitucionais e incentivar a criação de bancos colaborativos de histórias familiares. Tais iniciativas podem consolidar o potencial do storytelling como ferramenta para compreender os processos populacionais e, ao mesmo tempo, fortalecer a cidadania e a consciência crítica dos estudantes diante das dinâmicas espaciais e sociais do Brasil contemporâneo.



REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D. **A Transição Demográfica no Brasil: Tendências e Implicações**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Ministério da Educação, 2018.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2012.

CUNHA, Ana Selma Barbosa; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Torres. Contar Histórias:: comunicação e troca de saberes pelo artesanato da palavra oralizada.. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 23, n. 7, p. 174-185, set. 2020. Mensal. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4580>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. São Paulo: Editora Contexto. 1992.

DARROZ, L. M. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 576-580, 2018. DOI: 10.5335/rep.v25i2.8180. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8180>. Acesso em: 14 abr. 2025.

GIGLIO, Kamil. **Como incorporar o storytelling na sua sala de aula**, 2017. Disponível em: <https://kamilgiglio.blogspot.com/2017/07/como-incorporar-o-storytelling-na-sua.html>. Acesso em: 25 Jun 2025.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação de atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n1, p. 6 a 25, jan./abr.2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>. Acesso 13 abr. 2025.

McSILL, James. **Cinco Lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia**. 1 ed. São Paulo: DVS Editora, 2013, 368 p.



NUNES, Paulo Jorge Martins; GOUVEIA, Walquiria Sampaio. Pequenas histórias: reatualizando o mito do narrar. **Entretextos**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 60–73, 2011. DOI: 10.5433/1519-5392.2011v11n2p60. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/9641>. Acesso em: 02 maio. 2025.

OLIVEIRA, Daniele de Souza Lopes. **Storytelling como estratégia de ensino no contexto da educação profissional e tecnológica**. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O Guia Completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2006, 448p.

TAVARES, Débora Pires; RIBEIRO, Luis Otoni Meireles. Hipermídias no Projeto E-Tec Idiomas: Storytelling como Tecnologia Educacional. **Revista de Informática Aplicada**, v. 12, n. 1, p. 96-109, 2016.

XAVIER, Adilson. **Storytelling: Histórias que deixam marcas**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015. 304 p.